

NEY E A EMBRAPA

Eliseu Alves

Meu relacionamento profissional mais profundo com o Ney data de 1972, quando um grupo de pessoas, convocado pela Abicar, que depois se transformou na Embrater, extinta em má hora, em 1990, pelo presidente Collor, procurava responder porque, a despeito de contar com apoio de bom serviço de extensão rural e de razoável suporte de crédito rural, a agricultura brasileira não mostrava sinais de incremento da produtividade da terra e do trabalho, à exceção de São Paulo. Economistas, hoje famosos, àquela época ainda jovens, constituíram o grupo. Entre eles estavam Guilherme Dias, Afonso Pastore e Langoni. O líder do grupo era o sociólogo José Pastore, que também pertencia à equipe do ministro Delfim Netto. Incontáveis vezes, quando se procurava uma resposta para a indagação que tínhamos que responder, Ney foi ouvido e ajudou a elucidar a questão. Compreendeu-se que não tínhamos tecnologias suficientes para responder aos anseios de modernização de nossa agropecuária. E que era, portanto, falsa a hipótese que serviu de base para implantar o serviço de extensão rural entre nós, com a criação, em 1948, da Acar, hoje Emater-MG. Por esta hipótese, afirmava-se existir um razoável estoque de conhecimentos nas gavetas dos pesquisadores que não se difundia por falta de um bom serviço de extensão rural. O pai do Ney, professor Antônio Secundino, teve um marcante papel no desenvolvimento do serviço de extensão rural, apoiando-o explicitamente e granjeando simpatias, àquela época, de nossa incipiente agroindústria.

Respondida a questão, José Pastore foi convencer o ministro Cirne Lima para a importância de se reformar o serviço de pesquisa do Ministério da Agricultura, o DNPEA. O ministro determinou a um grupo, sob a liderança de Irineu Cabral, que apresentasse um projeto arrojado e inovador de reforma. Em dezembro de 1972, o Congresso Nacional aprovou a criação da Embrapa que foi implantada em abril de 1973. Ney participou ativamente do Conselho, composto de técnicos e lideranças rurais, e contribuiu para criar o espírito pragmático que é um dos fundamentos da Embrapa: um projeto de pesquisa começa com uma dificuldade do agricultor, transformado em problema de pesquisa com auxílio do conhecimento científico e somente termina quando os resultados forem adotados pelos agricultores.

Ney jamais negou seu tempo, livre de remuneração, para participar de reuniões de conselhos assessores que se sucederam ao longo do tempo, tanto em nível de Brasília como de unidades de pesquisa.

No início da década de 70, já era clara a importância das cadeias produtivas na agricultura moderna. O modelo de pesquisa tinha que se organizar em torno delas, o que Ney nos ajudou a compreender. Daí nasceram os centros nacionais de produto e cada centro concentrou muitos recursos humanos e de laboratórios em um ou dois produtos de importância nacional, antecipando-se assim à especialização da nossa agricultura. Estes centros tiveram enorme sucesso e ajudaram a fazer a história recente de nossa agricultura, hoje integrada ao agribusiness, pelo qual Ney tanto lutou.

O sucesso da Embrapa, hoje mundialmente reconhecida, muito deveu aos incentivos e alertas desta brilhante inteligência, que sabia, como ninguém, aliar energia e talento e o fazer com o sonhar.

No início do governo Sarney, a Embrapa passou por uma grande crise que ameaçou seriamente seu futuro e que deixou marcas e divisões que ainda não foram completamente superadas. Ney compreendeu o sentido da crise e suas conseqüências. Entendeu que se procurava destruir um elo importante de integração da agricultura com a agroindústria e, portanto, de desenvolvimento da agricultura de mercado. Ney empenhou todo o seu prestígio, em conjunto com seus colegas empresários e convenceu o presidente Sarney de que era importante encontrar uma solução que preservasse a empresa. O presidente foi sensível e realizou as mudanças que salvaram a Embrapa

Os resultados de pesquisa da Embrapa tiveram grande impacto sobre nossa agricultura e ajudaram a realizar os sonhos de um homem muito mais preocupado com o Brasil do que com seus negócios. Se não fosse um patriota não teria tido tanto interesse em desenvolver nossa pesquisa agrícola. Os resultados das pesquisas de milho, por exemplo, contribuíram para o surgimento de um grupo de empresas de pequeno porte, produtoras de milho híbrido, que se coligaram e foram capazes de abocanhar cerca de 15% do mercado de semente de milho híbrido e parte importante da fatia veio da Agroceres. Mas todo grande empresário sabe que a árvore grande não sobrevive à procela sem se apoiar nas pequenas. Ney era um gigante de uma floresta que seu pai e ele plantaram, regaram e ajudaram a crescer.

O destino, e quem somos nós mortais para compreendê-lo, roubou-nos o Ney. Mas ele entrou para a história como um dos pilares da nossa agricultura moderna. Em síntese: combateu o bom combate e venceu.

Eliseu Alves é engenheiro agrônomo, Doutor Honoris Causae pela Universidade de Purdue, foi presidente (1979 a 1985) da Embrapa e é Consultor do Banco Mundial, BID, IICA e FAO.